

MERCADO ABERTO

Maria Cristina Frias

cristina.frias@grupofolha.com.br

Para gestores, mudança de tributação acontecerá no governo Bolsonaro

A mudança na cobrança de Imposto de Renda de fundos exclusivos, que são fechados para membros de um grupo, geralmente famílias ricas, deverá acontecer durante o governo Bolsonaro, estimam gestores de patrimônio.

O desembolso do imposto só acontece na liquidação.

A tributação dos outros veículos se dá duas vezes ao ano. A alíquota varia com base no tempo das aplicações.

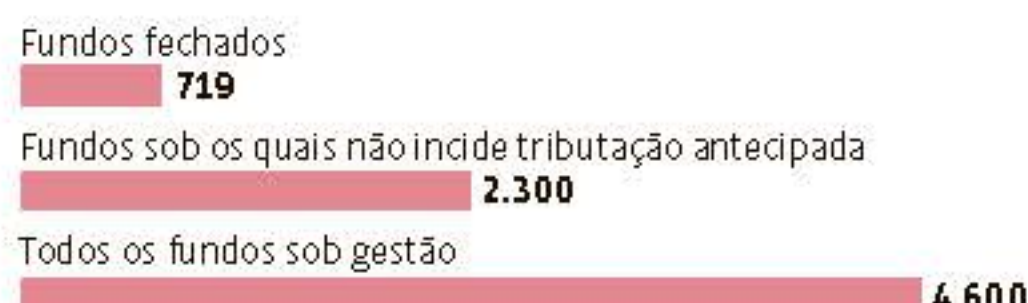
O patrimônio líquido de todos os fundos fechados sobre os quais não incide tributo antecipado é de R\$ 719 bilhões, de acordo com a Anbima (associação das entidades de mercados de capitais).

O governo está de olho no estoque acumulado daqueles que só pagam na liquidação, segundo Francisco Levy, da Planejador (associação de planejadores financeiros).

“A primeira cobrança de cotas vai incidir sobre rendimentos relativos a um período grande, mas as subsequentes não serão significativas.”

Patrimônio líquido de todo o mercado chega a R\$ 4,6 tri

Em R\$ bilhões



Captação líquida, em R\$ bilhões



Fonte: Anbima

Haverá diferentes alíquotas para distintos investimentos, afirma José Longo, do PLKC Advogados.

“Há fundos fechados ligados a aportes que dependem de maturação longa, e não faz sentido fazer apuração a cada semestre.”

O Congresso chegou a dis-

cutir o tema no ano passado, mas não aprovou a medida, segundo Dennis Kac, diretor da gestora Brainvest.

“Esses fundos teriam vantagem mesmo sem a regra diferenciada de tributação. Há benefícios para governança e sucessão, que deve passar por alteração também.”

VOLTA ÀS AULAS

A venda de material escolar deverá crescer cerca de 4,5% em São Paulo no período que antecede a volta às aulas, segundo a FCDLESP (federação das câmaras de dirigentes lojistas do estado).

A variação é levemente superior à registrada em 2018, de 4%, afirma Alexandre Damásio, diretor da entidade.

“Mais do que desconto, há uma demanda do consumidor por parcelamento, e o varejo tem correspondido.”

Na Kalunga, avenida mensal

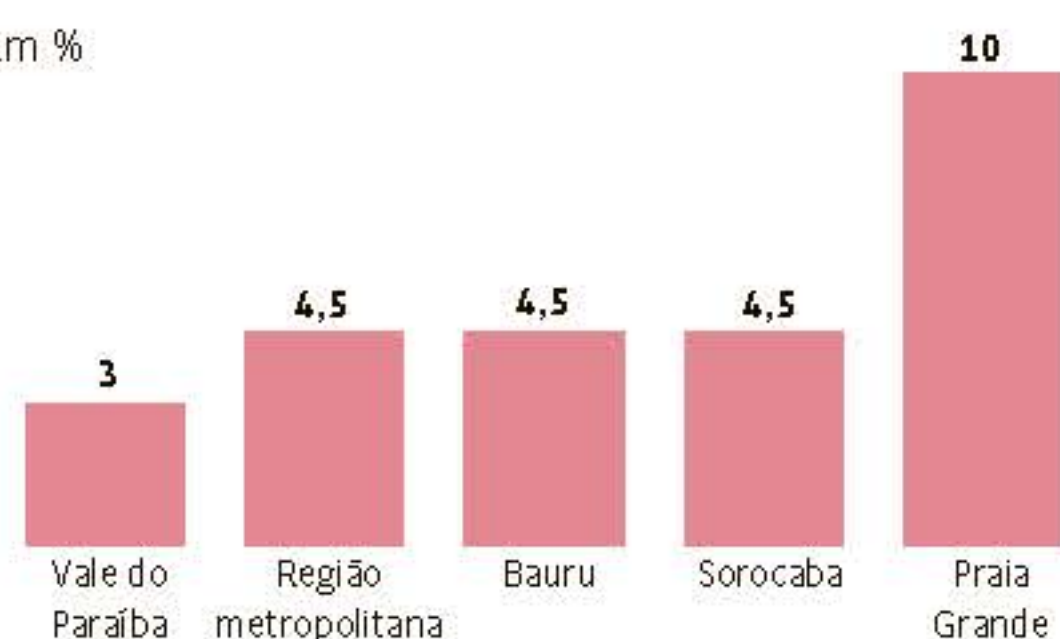
no período é 30% a 40% superior à de um mês comum, de acordo com diretor comercial Hoslei Pimenta.

“Traçamos uma meta de 15,86% de crescimento para este mês e, até aqui, estamos em 19%. Isso se deve tanto à abertura de mais lojas em shoppings como a um sortimento maior de produtos.”

Amelhora é também consequência de um aquecimento do consumo, percebida desde outubro, diz Amauri Gennari, diretor da varejista Gimba.

Crescimento previsto na venda de material escolar em São Paulo

Em %



R\$ 100 a R\$ 200 é o tiquete médio estimado

Fonte: FCDLESP

PARA VENDER NO INTERIOR

O Grupo Gazin, sediado no Paraná, investirá R\$ 70 milhões na abertura de lojas de sua rede varejista e na reforma de seus depósitos logísticos em três estados neste ano.

“Abriremos ao menos 15 operações. Os locais de instalação dos pontos ainda estão em estudo, mas a ideia é concentrar em municípios do interior”, diz Osmar Della Valentina, presidente da companhia. Três armazéns, usados para dar suporte à unidade varejista do grupo, serão ampliados no Acre, em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul, segundo o executivo.

Parte dos aportes será destinada a melhorias em lojas no Sudeste e no Nordeste. A rede atua em 13 estados.

“Nosso objetivo é crescer 15% neste ano, e o comércio será predominante”, afirma.

A companhia atua também em áreas como fabricação de colchões, criação de gado, plantação de eucaliptos, turismo e consórcios.

R\$ 4,35 bilhões

foi o faturamento em 2018



Roberto Santoro, diretor-executivo da companhia de análises clínicas

Alexandre Rezende - 27.dez.17/Folhapress

DE LABORATÓRIOS NOVOS

O grupo Hermes Pardini, de laboratórios médicos e serviços de processamento de exames, vai investir ao menos R\$ 65 milhões neste ano.

O valor poderá chegar a R\$ 80 milhões, segundo o diretor-executivo da companhia, Roberto Santoro.

“A expansão de unidades se concentrará em São Paulo e no Rio de Janeiro, mercados onde atuamos há menos tempo. Serão três aberturas no Rio e duas na capital paulista”, diz.

O número poderá ser ampliado, a depender da demanda nessas praças, de acordo com o executivo. Pelo plano, Minas Gerais e Goiás deverão ter uma inauguração cada.

A marca segue interessada em fazer aquisições em 2019. “Nossa alocação para fusões e compras será voltada a empresas que complementem nosso portfólio ou aumentem nossa capacidade produtiva”, afirma Santoro.

“Na área de processamento de exames, criaremos uma unidade de negócios para agrupar serviços relacionados a oncologia, genômica, e doenças raras, por exemplo, e outra para toxicologia.”

R\$ 979,3 milhões

foi a receita acumulada entre jan. e set. de 2018

REPARAÇÃO A consultoria Ramboll abrirá neste ano unidades em Mariana (MG) e Vitória (ES) para atuar em contratos com as mineradoras Samarco e Anglo American.

FREIO DE AÇO

A fornecedora de produtos siderúrgicos Aço tubo planeja investir R\$ 17 milhões neste ano em novos equipamentos, tecnologia e na expansão de um centro de distribuição.

O valor é 66% inferior aos R\$ 50 milhões de 2018, segundo o gerente-executivo Bruno Bassi.

“Tivemos alguns acréscimos de estoque e uma aquisição de imóvel no ano passado. Nosso aporte médio anual costuma variar de R\$ 20 milhões a R\$ 30 milhões”, diz ele.

“O mercado está mais confiante, e muitos negócios ainda vão acontecer. Tivemos faturamento de R\$ 750 milhões em 2018 e deveremos chegar a R\$ 970 milhões em 2019.”

“Tivemos alguns acréscimos de estoque e uma aquisição de imóvel no ano passado. Nosso aporte médio anual costuma variar de R\$ 20 milhões a R\$ 30 milhões”, diz ele.

HORA DO CAFÉ | Tiago Recchia

Governo quer excluir de cálculo para aposentadoria afastamento por doença



com Felipe Gutierrez (interino), Igor Utsumi e Ivan Martínez-Vargas

Renault diz não haver irregularidades em pagamentos a Ghosn

Lucas Neves

PARIS A Renault informou nesta quinta-feira (10) não ter encontrado indícios de irregularidade nos pagamentos feitos entre 2017 e 2018 a seu presidente-executivo, o brasileiro Carlos Ghosn, atualmente preso no Japão sob a acusação de não declarar parte de seus rendimentos à frente da Nissan, que também chefia.

Em comunicado divulgado após reunião do conselho de administração (presidido também por Ghosn), a empresa disse que a investigação interna irá agora se debruçar sobre anos anteriores.

Não houve sinalização sobre uma possível dança das cadeiras no topo de seu organograma.

O diretor-geral-adjunto, Thierry Bolloré, ocupa interinamente desde o fim de novem-

bro o posto de Ghosn, destituído da liderança dos conselhos da Nissan e da Mitsubishi, que formam com a Renault uma aliança global.

Nas últimas semanas, a imprensa francesa tem apostado no presidente-executivo da Michelin, Jean-Dominique Senard, como possível substituto do brasileiro no comando da montadora, na qual o Estado tem participação acionária de 15%.

A avaliação é que, caso a Promotoria de Tóquio apresente novas acusações contra o dirigente, como é esperado que faça nesta sexta-feira (11), a empresa europeia opte por sacá-lo de seus cargos.

Segundo a Reuters, citando a mídia japonesa, Ghosn deve ser indiciado por subestimar parte de seus ganhos em declarações referentes ao período que vai de 2015 a 2018 e

por fazer a Nissan arcar com um prejuízo de US\$17 milhões (R\$ 63 milhões) que ele teria tido com investimentos pessoais na época da quebra do banco Lehman Brothers (2008).

Ele já foi formalmente acusado por ocultar parte de sua remuneração no intervalo de 2010 a 2015.

Em audiência na terça-feira (8), Ghosn afirmou que está preso injustamente, com base em acusações sem mérito e sem sustentação.

Nesta quinta, o jornal francês Libération noticiou que o executivo, também francês e libanês, tinha domicílio fiscal na Holanda desde 2012. É nesse país que está sediada a holding que supervisiona a parceria entre Renault e Nissan.

Ao contrário da França, a Holanda não recolhe um imposto sobre fortunas. No país vizinho, além disso, o diretor-

geral estaria livre de uma contribuição excepcional sobre rendimentos elevados instituída pelo ex-presidente francês François Hollande.

Com Reuters e AFP

Executivo tem febre, e família se queixa de falta de informação

Raquel Landim

SÃO PAULO Os advogados de Carlos Ghosn, ex-presidente do conselho da Nissan, foram impedidos de visitá-lo no centro de detenção em Tóquio nesta quinta-feira (10), sob a alegação de que ele estaria doente.

Segundo a família, o executivo teria sido diagnóstica-

do com febre alta. Ghosn sofre de pressão alta e perdeu muito peso na prisão. Ele está detido desde 19 de novembro de 2018.

“As autoridades japonesas se recusam a nos dizer se ele foi transferido para uma enfermaria nem nos deixam falar com os médicos do centro de detenção. Estou suplicando que nos forneçam qualquer informação sobre a saúde do meu marido”, disse, por meio de comunicado, Carole Ghosn, mulher do executivo.

Os diplomatas também não estão sendo autorizados a visitar Ghosn, que ainda preside a Renault.

Segundo o advogado José Roberto Castro Neves, contratado pelo executivo no Brasil, a família de Ghosn vai pedir em breve formalmente ao Itamaraty que interfira no caso, alegando questões humanitárias

agora que ele está doente.

Conforme a Folha revelou, uma irmã de Ghosn já vinha em contato com as autoridades brasileiras. A família quer que o Brasil interfira, pois o país é considerado mais relevante do que o Líbano e mais isento do que a França.

Nesta sexta-feira (11), está marcada nova audiência de fiança do caso em Tóquio.

Informações extraoficiais, no entanto, dão conta de que a Promotoria japonesa prepara outra acusação para mantê-lo na cadeia.

Pela legislação do Japão, um suspeito pode ficar preso até 20 dias sob o argumento de não atrapalhar as investigações em curso.

Se houver nova acusação, o tempo começa a contar novamente. As prisões demoram tanto que os suspeitos acabam confessando.